

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA CIDADE: A RUA COMO CENÁRIO DAS PRIMEIRAS ESCUTAS PSICANALÍTICAS¹

*Adriano Martins Alves**
*Daniela Delias de Sousa***

RESUMO

Partindo das concepções de Freud acerca do compromisso social da Psicanálise, diversos coletivos formados por psicanalistas experientes têm organizado e conduzido intervenções nas ruas, em diferentes locais do país, visando fornecer uma escuta acessível a todos que transitam pelas vias públicas. Com o mesmo objetivo, um grupo formado por acadêmicos de Psicologia, dois professores da área de Psicanálise de uma universidade pública do sul do Brasil e um psicólogo voluntário deparou-se com a seguinte indagação: seria possível a um grupo de estudantes de Psicologia, sob supervisão, frente ao desejo de escutar a/na rua, organizar-se em um dispositivo de escuta na abordagem psicanalítica em uma praça? Tendo em vista estas considerações, o presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre a construção do *Coletivo Escuta na Rua* – uma ação de extensão universitária em funcionamento desde 2019. A partir de uma reflexão sobre o percurso da equipe que compôs a primeira edição do projeto, o relato propõe uma intersecção entre literatura e psicanálise, tecendo um diálogo com o livro

* Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Atendimento Clínico - Ênfase em Psicanálise da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) (Rio Grande do Sul, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9222-3097>. E-mail: alvesmartins1@yahoo.com.br.

** Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Titular do Curso de Psicologia (2007) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (2025) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) (Rio Grande do Sul, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0063-5685>. E-mail: daniela.delias@gmail.com.

As Cidades Invisíveis, de Ítalo Calvino. A análise da trajetória aponta para os encontros e desencontros entre o desejo de escutar dos estudantes e o desejo de escuta da comunidade, bem como para as singularidades de um *setting* psicanalítico pautado nas interações entre o coletivo e a cidade.

Palavras-chave: Escuta na rua; Psicanálise; Formação em Psicologia; *As Cidades Invisíveis*; Ítalo Calvino.

IN THE MIDDLE OF THE ROAD THERE WAS A CITY: THE STREET AS A SETTING FOR THE FIRST PSYCHOANALYTIC CONSULTATIONS

ABSTRACT

*Based on Freud's conceptions of the social commitment of psychoanalysis, several collectives formed by experienced psychoanalysts have organized and conducted interventions on the streets, in different parts of the country, with the aim of providing accessible listening to all those who pass through public thoroughfares. With the same goal, a group made up of psychology students, two psychoanalysis professors from a public university in southern Brazil and a volunteer psychologist were faced with the following question: would it be possible for a group of psychology students under supervision, faced with the desire to listen to/on the street, to organize a psychoanalytic listening device in a square? With these considerations in mind, this paper presents an experience report on the construction of the Escuta na Rua Collective - a university extension action that has been running since 2019. Based on a reflection on the journey of the team that made up the first edition of the project, the report proposes an intersection between literature and psychoanalysis, weaving a dialog with the book *The Invisible Cities*, by Italo Calvino. The analysis of the trajectory points to the encounters and mismatches between the students' desire to listen and the community's desire to listen, as well as the singularities of a psychoanalytic setting based on the interactions between the collective and the city.*

Keywords: Street listening; Psychoanalysis; Formation in Psychology; Invisible cities; Italo Calvino.

EN MEDIO DE LA CALLE HABÍA UNA CIUDAD: LA CALLE COMO ESCENARIO DE LAS PRIMERAS CONSULTAS PSICOANALÍTICAS

RESUMEN

A partir de las concepciones de Freud sobre el compromiso social del psicoanálisis, diversos colectivos formados por psicoanalistas experimentados han organizado y realizado intervenciones en la vía pública en distintos puntos del país, con el objetivo de brindar una escucha accesible a todas

*las personas que transitan por la vía pública. Con el mismo objetivo, un grupo formado por estudiantes de psicología, dos profesores de psicoanálisis de una universidad pública del sur de Brasil y un psicólogo voluntario se enfrentaron a la siguiente pregunta: ¿sería posible que un grupo de estudiantes de psicología bajo supervisión, ante el deseo de escuchar a/en la calle, organizara un dispositivo de escucha psicoanalítica en una plaza? Con estas consideraciones en mente, este artículo presenta un informe de experiencia sobre la construcción del Colectivo Escuta na Rua - un programa de extensión universitaria que se desarrolla desde 2019. A partir de una reflexión sobre el recorrido del equipo que integró la primera edición del proyecto, el informe propone una intersección entre literatura y psicoanálisis, tejiendo un diálogo con el libro de Italo Calvino *Las ciudades invisibles*. El análisis de la trayectoria señala los encuentros y desencuentros entre el deseo de escuchar de los alumnos y el deseo de escuchar de la comunidad, así como las singularidades de un escenario psicoanalítico basado en las interacciones entre el colectivo y la ciudad.*

Palabras clave: Escucha en la calle; Psicoanálisis; Formación en psicología; Ciudades invisibles; Italo Calvino.

“*Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história*”.

Hannah Arendt, citando Isak Dinesen/Karen Blixen

INTRODUÇÃO

A ideia de estender a escuta psicanalítica a pessoas e territórios que dificilmente teriam acesso a ela em contextos tradicionais, como o das clínicas privadas, remonta à própria história do movimento psicanalítico. Ao finalizar a célebre conferência intitulada *Caminhos da Terapia Psicanalítica*, proferida em 1918, em Budapeste, Freud (1919/2010) antecipou à plateia que abordaria um tema pertencente ao futuro e que, para muitos, soaria “fantástico”: a necessidade da criação de ambulatórios de atendimento psicanalítico gratuito direcionados às camadas populares. Em sua acepção visionária, propunha que a consciência da sociedade em algum momento despertaria, advertindo-a sobre o direito das pessoas pobres de receberem auxílio psíquico, dada a “abundância de miséria neurótica que há no mundo” (p. 291).

No contexto do atendimento das massas, caberia aos psicanalistas a adaptação da técnica, ainda que sob o risco de fundir o “puro ouro da análise ao cobre da sugestão direta” (Freud, 1919/2010, p. 290). Ao retomarmos a leitura do primeiro parágrafo deste trabalho que marcou o V Congresso Internacional de Psicanálise, ocorre-nos, no entanto, que essa possibilidade não parecia ameaçadora para Freud, uma vez que ele elegeu como ponto de partida para o seu discurso uma afirmação acerca do que entendemos como um dos principais fundamentos da ética psicanalítica: sua capacidade de crítica e reinvenção. Ao enunciar a impossibilidade de se vangloriar da completude do saber psicanalítico, Freud afirmou que “estamos prontos, agora não menos que antes, a admitir as imperfeições de nosso conhecimento, aprender novas coisas e mudar em nossos procedimentos o que puder ser melhorado” (p. 280).

É possível pensar que o espírito inventivo do fundador da psicanálise, sua disponibilidade ao aprendizado e à mudança, bem como suas concepções acerca do compromisso social da psicanálise se mantêm vivos nas iniciativas de psicanalistas brasileiros que, nos últimos anos, têm oferecido escuta psicanalítica gratuita a populações nas ruas, praças, rodoviárias, entre outros espaços que compõem algumas cidades brasileiras. Por volta da segunda metade dos anos 2010, observou-se o surgimento de diversos dispositivos com este intuito principal, caracterizando, conforme Ab’Saber (2021), “um movimento amplo de tomada dos espaços públicos por trabalhos livres, coletivos e sociais de psicanalistas” (p. 501). Esses movimentos se apresentaram com denominações também diversas, como “clínica pública”, “clínica aberta”, “clínica de borda”, “clínica de margem”, “clínica a céu aberto”, “coletivo”, entre outros. A despeito das singularidades de cada proposta e dos diferentes nomes assumidos, os dispositivos se caracterizam por um aspecto em comum: a organização em grupos de trabalho que buscam operar à margem do Estado e das instituições psicanalíticas tradicionais.

O presente relato de experiência justifica-se como uma contribuição para o debate acerca da ampliação do acesso à escuta psicanalítica, abordando o processo de implementação do *Coletivo Escuta na Rua*, uma ação de extensão do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande, que teve início em 2019. As experiências descritas neste artigo remetem ao trabalho

desenvolvido pela primeira equipe que compôs o grupo, abarcando o período compreendido entre abril e dezembro do referido ano.

A criação do Coletivo Escuta na Rua foi inspirada em ações propostas por grupos de psicanalistas em diversas capitais brasileiras, principalmente os coletivos *Psicanálise na Rua* (Brasília), *Psicanálise na Praça Roosevelt e Clínica Aberta de Psicanálise Casa do Povo* (São Paulo) e *Psicanálise na Praça* (Porto Alegre). Tais propostas foram desenvolvidas com o objetivo de prestar atendimento gratuito à população, partindo de uma premissa simples, em tese: um grupo de psicanalistas, algumas cadeiras de praia e a ideia de contribuir com a democratização da escuta psicanalítica. Neste texto, refletimos sobre uma inquietação: seria possível a um grupo de estudantes de Psicologia, sob supervisão docente, frente ao desejo de escutar a/na rua, organizar-se em um dispositivo de escuta na abordagem psicanalítica em uma praça?

Com o intuito de interseccionar literatura e psicanálise, teceremos um diálogo entre o relato de nossa experiência e trechos do livro *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, publicado originalmente em 1972. Em seu texto, Calvino (1990) descreve as aventuras de Marco Polo, um viajante que tem como missão descrever as cidades do império para Kublai Khan, imperador dos tártaros. A leitura desta obra, à época do desenvolvimento da ação de extensão, permitiu-nos considerar que tanto na trama narrada por Calvino como no trabalho desenvolvido na praça identificávamos a presença de pelo menos três personagens em comum: a que conta uma história, a que se coloca em uma posição de escuta e a própria cidade. Ao refletirmos sobre o desejo do imperador de conhecer, a partir da narrativa de Polo, os fios visíveis e invisíveis que constituíam as cidades, pensamos em uma analogia com a posição central que as palavras ocupam na escuta psicanalítica, comunicando representações conscientes e, sobretudo, inconscientes. No texto *Tratamento Psíquico (ou anímico)*, Freud (1905/1996b) referiu-se às palavras como a ferramenta essencial do tratamento psíquico, anunciando que “já não soa enigmático afirmar que a magia das palavras pode eliminar os sintomas patológicos” (p. 279). Um fragmento de *As Cidades Invisíveis*, em especial, inspirou a realização desta aproximação. Nele, Marco Polo diz ao imperador: “As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas

regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa” (p. 44).

As cidades descritas no livro de Calvino (1990) têm nomes de mulheres e são apresentadas em sua relação com diversos temas, como: a memória, o céu, os mortos, o desejo, os símbolos, as trocas, entre outros. No presente artigo, o relato sobre a trajetória do Coletivo Escuta na Rua encontrou inspiração em três entre os temas explorados pelo autor. Na primeira sessão, *As cidades e o desejo: Um ponto de partida*, descrevemos o processo de construção da ação de extensão. Na segunda, denominada *As cidades e os símbolos: Uma breve contextualização sobre a cidade de Rio Grande*, apresentamos um panorama sobre o *setting* em que ocorreram as escutas. Por fim, em *As cidades e as trocas: As singularidades de um setting de escuta psicanalítica na rua*, abordamos algumas reflexões acerca das escutas realizadas.

AS CIDADES E O DESEJO: UM PONTO DE PARTIDA

O papel exercido pelos tensionamentos entre a realidade psíquica e as exigências da vida social na constituição da subjetividade foi amplamente discutido por Freud ao longo de sua obra. No texto *O interesse da psicanálise* (1913/2012), por exemplo, o autor postulou que “Toda história da civilização é um relato dos caminhos que os seres humanos tomaram para vincular seus desejos não satisfeitos, sob as condições cambiantes – e modificadas pelo avanço técnico – de concessão e frustração deles pela realidade” (p. 357). Este entrelaçamento, pelo fio do desejo, entre sujeito e civilização, parece-nos poeticamente ilustrado por Calvino (1990) em um fragmento de *As Cidades Invisíveis*. Nele, Polo descreve a cidade de Anastácia para Khan. Segundo o viajante, “A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer” (p. 32).

Talvez não seja difícil para um observador atento constatar que, na contemporaneidade, o cotidiano das cidades, sobretudo nos centros urbanos, tem apresentado elementos ainda mais desafiadores à busca de equilíbrio entre as exigências da vida em sociedade e a preservação da individualidade. Em diversos centros urbanos brasileiros, as ruas

carregam o peso visível e invisível do desamparo perpetuado pela desigualdade social. Pode-se pensar que as pessoas que vivem, trabalham e transitam pelas vias públicas, veem-se emaranhadas em uma complexa relação entre tempo, dinheiro e cuidado de si, lutando diariamente pela sobrevivência frente a condições sociais críticas. De acordo com Silva Junior e Mello Netto (2022), esse cenário foi agravado a partir de 2015, quando se observou no país – em virtude do processo de impeachment de Dilma Rouseff – a ascensão de políticas conservadoras, as quais culminaram, em 2018, na eleição de um projeto presidencial identificado à extrema-direita. Para os autores,

Temos então um quadro propício para a emergência de uma instabilidade no corpo social (...), elementos que nos levam à beira do desamparo. Se nossa coletividade vivenciava há alguns anos um período de estabilidade, confiança e de certa invisibilidade de suas tensões internas, nesse contexto crítico entendemos que há um colapso dessas representações coletivas que nos mantinham protegidos e amparados. (p. 8)

Neste ponto, parece-nos importante destacar que a questão do desamparo [Hilflosigkeit] recebeu a atenção de Freud desde os primórdios da psicanálise. No texto *Projeto para uma psicologia científica*, ao se referir às primeiras experiências do bebê, Freud (1895/1996a) considerou que a incompletude de seu organismo e sua dependência em relação ao adulto, sem o qual não seria possível a sobrevivência, colocaria o bebê em uma condição originária de desamparo. Mais adiante, em *O Futuro de uma Ilusão*, Freud (1927/1996c) propôs a compreensão do desamparo como uma condição que acompanha o sujeito por toda a sua vida, fazendo com que desde muito cedo apresente-se vulnerável, necessitando da proteção do outro contra perigos externos e ansiedades.

Em uma análise psicanalítica sobre a questão do desamparo na atualidade, Oliveira, Restell e Justo (2014) apontaram que a cultura contemporânea tem acentuado o individualismo, colaborando para que os vínculos se tornem mais efêmeros e tênues. Para os autores, “na ausência de um continente sólido, seguro e estável para as experiências emocionais e afetivas surgem sentimentos de desamparo” (p. 21). Nesse contexto de ausência de referências, consideraram que é possível observar

um declínio simbólico e formas de subjetivação regressivas. Conforme apontaram em suas conclusões,

O desafio é frear as forças conservadoras, regressivas e a compulsão à repetição para se poder pensar e explorar alternativas de superação de dilemas que ainda insistem em se apresentar nas buscas de possibilidades de expansão e proliferação da vida capazes de conciliar as investidas do homem rumo ao futuro com o fortalecimento dos laços e das conexões sociais. (p. 30)

Nesse cenário, ao nos perguntarmos sobre as possibilidades da psicanálise diante do desamparo na contemporaneidade, observamos que a dimensão social e política da vida não se dissocia dos pressupostos psicanalíticos, considerando que, para Freud (1921/2011), a psicologia individual é simultaneamente uma psicologia social. No artigo *Prefácios e Textos Breves* (Freud, 1923/2010), o autor postulou:

Se a psicanálise, juntamente com sua importância científica, tem valor como método terapêutico, se é capaz de assistir indivíduos sofredores na luta pelo cumprimento das exigências da civilização, então essa ajuda também deve ser oferecida ao grande número daqueles que são pobres demais para remunerar o analista por seu penoso trabalho. Em nossa época isso constitui uma necessidade social. (p. 341)

O desenvolvimento de ações de escuta psicanalítica na rua vem ao encontro das proposições de Freud sobre a necessidade social de se oferecer atendimento a um maior número de pessoas, tendo como objetivo oferecer uma escuta singularizada e acessível a um público que, muitas vezes, não tem acesso a espaços de escuta tradicionais. Porém, segundo Broide (1992), a economia capitalista produz um colonialismo que impede a muitos estudantes e profissionais da área da saúde mental, incluindo psicanalistas, acessarem à realidade e instrumentos que possibilitem uma práxis mais abrangente. Para o autor, a psicanálise direcionou-se, na maior parte dos casos, ao modo de vida uniforme das camadas médias e altas dos grandes centros dos países centrais e das metrópoles do terceiro mundo.

Apesar da importância atribuída ao papel dos estudantes na construção de práxis mais abrangentes no âmbito da saúde mental, incluindo a escuta na abordagem psicanalítica, a questão do ensino e das práticas na área

da psicanálise no contexto das universidades não raramente se constitui como um palco para discussões acaloradas. Kessler e Silva (2021), em um trabalho que buscou refletir acerca das vias possíveis de transmissão da psicanálise no contexto universitário, apontaram que a dimensão clínica dos cursos de graduação em psicologia no Brasil representa uma parte fundamental à sustentação de um trabalho consoante com a psicanálise na universidade, e que as universidades encontram em suas clínicas-escola o principal campo de articulação com o ensino e a pesquisa na área da psicanálise. Neste estudo, os autores consideraram que, no trabalho clínico na abordagem psicanalítica desenvolvido por estudantes na universidade, a supervisão docente constitui uma ferramenta essencial, e que os estudantes que se identificam com a teoria e a técnica psicanalítica são aqueles que, em um momento posterior, solicitam “serem supervisionados pelo professor-psicanalista, procurando exercer com este o que, para eles, pode ser o primeiro momento da psicanálise no espaço da supervisão” (p. 7). Corroborando estas concepções, Sei e Franco (2017), apontaram que a supervisão docente se caracteriza como uma atividade essencial na formação do psicólogo clínico e obrigatória para aqueles que desejam se ocupar da escuta psicanalítica, considerando que é um importante instrumento para a transmissão e aprimoramento do conhecimento adquirido no percurso de formação.

Parece-nos igualmente importante mencionar uma segunda questão destacada no trabalho de Kessler e Silva (2021): o lugar ocupado pelos estudos e práticas clínicas de abordagem psicanalítica iniciados na universidade em relação às escolhas subsequentes em direção à formação psicanalítica. De acordo com os autores, balizados pela atividade de supervisão e pelas experiências iniciais, é possível que muitos estudantes busquem dar continuidade a uma formação psicanalítica, caso se sintam convocados a esta formação. Em relação a isso, apontaram que, não raras vezes, muitos psicanalistas “vêm a reconhecer que foi por este intermédio que se deu sua via de entrada na formação psicanalítica” (p. 6).

A ideia do desenvolvimento de um dispositivo gratuito de escuta na abordagem psicanalítica, em via pública (uma praça), vinculado à universidade pública, e que envolvesse estudantes do último ano da graduação em Psicologia, foi concebida na primeira reunião de orientação

do trabalho de conclusão de curso entre os autores do presente estudo. Movidos pela convicção da importância da retomada dos espaços públicos pelos movimentos sociais e pela comunidade, pela leitura de relatos de experiências de outros coletivos (Ab'Sáber & Zaiden, 2019; Marino & Coaracy Neto, 2019; Pinto, 2019; Pokorski, 2019) e pela afirmação do compromisso com a democratização da escuta psicanalítica, acadêmico e orientadora passaram a desenhar as primeiras linhas de construção do projeto. Nessa direção, encaminharam, inicialmente, o processo de constituição do grupo. Para a formação da equipe, foram convidados dez estudantes que, naquele momento, realizavam estágio em psicologia clínica, na abordagem psicanalítica, sob supervisão de dois docentes da área, os quais também passaram a compor o grupo ocupando a posição de supervisores da ação de extensão. O convite de participação foi estendido a um psicólogo voluntário que contava com significativa experiência de escuta psicanalítica em clínica privada e instituição pública.

A primeira ferramenta de suporte ao desenvolvimento da ação caracterizou-se pelo estabelecimento um grupo de supervisão, do qual participaram todos os membros do coletivo. Em nossa proposta de trabalho, o grupo de supervisão buscou se estabelecer como um espaço para a realização de estudos teóricos e para o compartilhamento das experiências e reflexões suscitadas a partir das escutas realizadas. Em relação aos estudos teóricos, o grupo se dedicou por cerca de dois meses a leituras preparatórias para a ação, as quais propunham o relato de experiências de escuta psicanalítica em territórios como ruas e praças, sobretudo no âmbito dos coletivos de escuta que atuavam nesse contexto. Um detalhamento acerca das principais leituras realizadas no período de preparação da ação será feito um pouco mais adiante, dada à importância para o nosso trabalho. Após esse período, materiais de estudo eram sugeridos conforme os temas que se apresentavam a partir das escutas realizadas. As reuniões de supervisão ocorreram semanalmente no prédio do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande. Ao todo, foram realizadas 20 reuniões, cada uma com duração de duas horas.

Na primeira reunião do grupo de supervisão, após a apresentação da proposta, constitui-se um espaço de compartilhamento das representações de cada membro sobre a cidade de Rio Grande e

sobre a escuta psicanalítica em via pública. O diálogo estabelecido no primeiro encontro possibilitou a constatação de que muitos de nós, oriundos de outras localidades, sentíamos-nos, em alguma medida, como “estrangeiros” que se encontravam na cidade por conta do vínculo com a universidade. Nossa relação com alguns espaços públicos, como as praças, era, em muitos casos, a de uma passagem geralmente apressada. Além disso, identificou-se nos relatos que, ainda que prestássemos escuta na abordagem psicanalítica à comunidade em um serviço público (no Centro de Atendimento Psicológico da universidade, também localizado no prédio do Curso de Psicologia), o acesso a este serviço era restrito ao encaminhamento de outros dispositivos de atenção psicossocial da cidade, o que nos remetia a uma clínica circunscrita aos limites institucionais.

Ao final do primeiro encontro, foi acordado o primeiro passo em direção aos estudos teóricos preparatórios: a leitura e discussão da tese de Palombini (2007), um trabalho que relatava o percurso da pesquisadora em uma experiência de acompanhamento terapêutico desenvolvida junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e aos serviços de saúde mental da rede pública de Porto Alegre, ao longo de dez anos. Ainda que não versasse especificamente sobre a ação dos coletivos de escuta psicanalítica na rua, a escolha deste trabalho como ponto de partida para as reflexões teóricas da equipe ocorreu por sugestão nossa, ao identificarmos, entre as falas dos membros da equipe acerca de suas relações com a cidade e a atuação clínica, uma das considerações da autora em seu estudo: apesar de nascida na cidade, a clínica psicológica apresenta-se apartada desta. Segundo a autora, a presença da cidade é que singularizaria a prática, levando a uma clínica conforme a radicalidade que propõe a reforma psiquiátrica.

As reuniões semanais subsequentes que antecederam o começo da ação na praça também oportunizaram o contato da equipe com o trabalho de alguns coletivos de escuta psicanalítica, entre eles: *Psicanálise na Rua* (Brasília), *Psicanálise na Praça Roosevelt* e *Clínica Aberta de Psicanálise Casa do Povo* (São Paulo), e *Psicanálise na Praça* (Porto Alegre).

Em relação ao trabalho do coletivo Psicanálise na Rua, de Brasília, dedicamo-nos à leitura dos artigos de Guimarães e Jardim (2019) e Pinto (2019). No primeiro, os autores propuseram uma reflexão sobre a passagem

da psicanálise dos consultórios para espaços públicos, enfatizando o papel da dimensão sociopolítica do sofrimento para a escuta e formação em psicanálise. Além disso, apresentaram a estrutura do coletivo, formado por psicanalistas com diferentes formações teóricas e institucionais, porém igualmente afeitos à ideia de oferecer escuta psicanalítica gratuitamente nos espaços públicos de Brasília. Os plantões do coletivo, conforme descreveram, tiveram início em março de 2018, após reuniões periódicas de organização da proposta. O *setting* nessa proposta caracterizava-se por uma placa que identificava o projeto – na qual eram apresentadas informações, como o nome do coletivo, os horários e locais de atendimento e o aviso de que estes eram gratuitos – e cadeiras de praia dispostas aos pares, nas quais duplas de pessoas conversavam. Ao abordar a ação do coletivo, Pinto (2019) compartilhou um registro de memória: o de estar sentada, aguardando para escutar, e ter diante dos olhos a imagem de um pé sujo, cinza e descalço. Tratava-se de um homem pedindo dinheiro a uma mulher que por ali também passava (dinheiro para comprar um sapato). Ali estava o “consultório”: um *setting* repleto de imprevisibilidade. Ali, segundo a autora, estava o seu desejo de escutar a rua.

Também teve um importante espaço nesta formação inicial a leitura de artigos sobre a *Clínica Aberta de Psicanálise da Casa do Povo* e o *Psicanálise na Praça Roosevelt*, ambos na capital São Paulo, e descritos como “clínicas abertas” (Ab’Saber & Zaiden, 2019; Ab’Saber, 2021; Marino, Coaracy & Oliveira, 2018). Uma clínica aberta, de acordo com Marino et al. (2018), pressupõe uma experiência que se pretende “às margens”, deslocada das instituições do Estado. Para os autores, o modelo de trabalho não perderia de vista as regras da associação livre e da escuta flutuante, porém propõe uma modificação no que se refere à concepção tradicional de se manter um psicanalista para um analisante, concebendo a possibilidade da circulação de psicanalistas no grupo. Ao abordarem o trabalho desenvolvido pelos dois dispositivos, Ab’Saber e Zaiden (2019) discutiram a importância do deslocamento dos analistas de seus consultórios, geralmente localizados em lugares privilegiados da capital paulista, em direção às ruas, apontando que o *setting* clássico se apresentaria insuficiente para os tempos atuais. Para Ab’Saber (2021), o *setting* de uma clínica aberta de psicanálise.

... organiza, torna orgânicos, os seguintes elementos heterogêneos, unificados agora por um desejo social comum: espaço público, sujeito grupal dos analistas em trabalho, criação mútua do local de trabalho com os pacientes, plantão clínico de acesso livre e universal, ausência de sobrecarga burocrática ou controle social pela mediação do dinheiro, escuta atenta aos potenciais de comunicação da sessão única, revezamento dos analistas no atendimento continuado aos pacientes que desejem prosseguir o trabalho e projeto terapêutico desenhado pelo paciente, seja apenas uma ou várias sessões, com entendimento não pedagógico nem adaptativo do que é uma análise. (pp. 506-507).

No que se refere ao trabalho desenvolvido pelo coletivo *Psicanálise na Praça* (Porto Alegre), foi realizada inicialmente a leitura do trabalho de Pokorski (2019). Neste artigo, o autor propôs uma discussão sobre a dimensão política da psicanálise, mencionando, como exemplo de ação, a formação deste coletivo, situado como um trabalho de escuta psicanalítica no espaço público da cidade, cujo objetivo era o de “possibilitar um maior alcance da psicanálise a todos os que com ela desejam se encontrar” (p. 107). Destacamos também que, à época da construção do Coletivo Escuta na Rua, o conhecimento do trabalho do coletivo *Psicanálise na Praça* se deu principalmente a partir de vídeos, entrevistas e acompanhamento em redes sociais. A partir destes meios de divulgação, identificamos que a ação contava com psicanalistas que atendiam gratuitamente nas Praça da Alfândega, nas proximidades do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, aos sábados, entre 11h e 14h (Raupp, 2018).

Para finalizar esta seção de apresentação do processo de construção de nossa proposta, destacamos, por sua pertinência, uma citação de Macedo e Falcão (2005) acerca da escuta em psicanálise: “O que visa ser escutado na psicanálise resulta em uma psicanálise da escuta. Os lapsos, os sonhos, as repetições, os sintomas; enfim, as formas de subjetividade – livres de uma classificação ou de rótulos – abrem espaços de singularidade” (p. 72). Nessa direção, parece-nos interessante considerar que, a despeito das diferenças nas trajetórias de formação dos estudantes que compunham a nossa ação e dos psicanalistas que compunham as ações inspiradoras, em ambos os casos se identificou o compromisso com um dos principais pressupostos éticos da psicanálise frente ao desamparo contemporâneo: a escuta.

AS CIDADES E OS SÍMBOLOS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A CIDADE DE RIO GRANDE

Em um fragmento do livro *As Cidades Invisíveis* (Calvino, 1990), Marco Polo descreve a cidade de Zaíra ao imperador. Ao começar a descrição, revela que sua tentativa poderia resultar inútil porque por mais que se atentasse aos detalhes visíveis, como “quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos” (p. 15), as cidades são constituídas, sobretudo, pelas relações entre seus espaços, os acontecimentos passados e as pessoas que construíram suas histórias nesses espaços e tempos, evidenciando que uma cidade se constitui como tal a partir das trocas sensíveis que estabelece.

Como Polo ao descrever Zaíra, tentaremos descrever a cidade de Rio Grande, *setting* de nossas escutas. Localizada no extremo sul do Brasil, entre a Laguna dos Patos, a Lagoa Mirim e o Oceano Atlântico, a cidade é cercada de águas. Por vezes traz a impressão de ser uma pequena porção de terra abraçada pelo mar (para sempre a “noiva do mar”, como é chamada), ainda que castigada pelos ventos, como um eterno pecador em um inferno singular. Com pouco mais de 200.000 habitantes, e considerada a cidade mais antiga do Rio Grande do Sul, foi fundada em 1737, na chegada da esquadra de guerra portuguesa comandada por Silva Paes (Torres, 2008). Suas complexas relações sociais envolveram europeus, açorianos, índios, negros e colonizadores do Brasil e da Colônia do Sacramento, marcando a formação luso-brasileira no Rio Grande do Sul.

Para Torres (2008), a desumanização exercida pela sociedade escravista passava pelas condições subumanas das viagens promovidas pelos empresários do tráfico negreiro da África até o Brasil e pelo estado de saúde dos sobreviventes ao chegar aos portos de destino. Segundo o autor, a construção da cidadania continua a se impor como um desafio situado entre os preconceitos herdados do passado e os caminhos da modernidade urbano-industrial no presente. A cidade do Rio Grande carrega também uma história de resistência e, de outro lado, apoio à ditadura civil militar. Silveira (2014) investigou as atividades da militância de cidades do interior e de fronteira com o Uruguai, no que se refere à organização da resistência ao golpe e à repressão, encontrando

registros sobre rotas de exílio, bem como sobre perseguições e torturas por parte dos militares brasileiros presentes na cidade.

Rio Grande possui a Praia do Cassino, com uma gigantesca obra hidráulica marítima composta por pedras: os molhes da barra, uma das maiores construções navais do século passado. A cidade também possui um dos maiores estaleiros da América Latina, e tem na atividade portuária a sua maior fonte. Grande parte do movimento social e cultural da cidade ocorre também em torno da Universidade Federal do Rio Grande, com seus inúmeros projetos e inserções na comunidade.

Ao descrever Tamara, Polo (Calvino, 1990) conta que nesta cidade raramente se fixa o olhar em algo e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de outra coisa. Conforme descreve, “*Os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas*” (p. 19). Como a cidade de Tamara, Rio Grande parece perder-se no seu invólucro de símbolos. Ou, como a cidade de Zirna, precisa repetir infinitamente seus símbolos para existir, e muitos símbolos encontram-se nas praças desde as origens das concentrações urbanas.

A Praça Xavier Ferreira, no centro da cidade de Rio Grande, afirmou-se como o *setting* no qual desenvolvemos as nossas escutas a partir do segundo dia de trabalho. Luz (2011) conduziu um estudo acerca dos espaços públicos da cidade do Rio Grande, concluindo que as praças como espaços públicos de uso coletivo são fundamentais para a experiência social e para o desenvolvimento urbano, proporcionando liberdade de expressão e convivência dos diferentes. Nesse estudo, descreveu os dez monumentos presentes na Praça Xavier Ferreira, apontando que as praças da cidade têm perdido o caráter monumental, assumindo novas funções privilegiadas, como as de encontro e convívio social, e um papel essencial como espaço coletivo e ponto de referência, priorizando o caráter de permanência para os pedestres que frequentam a área. Essa praça, um espaço repleto árvores e pássaros, próximo do Mercado Público e do Cais do Porto Velho, abarca o fluxo intenso da travessia para a cidade de São José do Norte e de outros pontos importantes do município, com fluxo considerável de trabalhadores e pessoas em situação de rua. Ao meio-dia, em dias de sol, é possível, ao olhar para parte do mercado e do píer, ver a luz refletida sobre as águas calmas da Lagoa dos Patos, e este é um espelho belíssimo.

AS CIDADES E AS TROCAS: AS SINGULARIDADES DE UM *SETTING* DE ESCUTA PSICANALÍTICA NA RUA

“Há um cais de porto pra quem precisa chegar”
Herbert Vianna

Uma cidade pode ser pensada como um lugar de trocas. Para Pinheiro e Silva (2004), ela representa um símbolo capaz de exprimir a tensão entre a racionalidade geométrica ou geográfica das construções e o emaranhado das existências humanas, e mesmo que sua demolição ou desconstrução em nome do progresso gere o apagamento da memória, é possível resgatá-la, entre as ruínas, a partir da literatura. Nesse sentido, os autores afirmam que: “A cidade é um labirinto de caminhos, de veias, de espaços que só a aventura pessoal pode penetrar” (p. 8). Um trecho de *As Cidades Invisíveis* (Calvino, 1990) parece ilustrar o entrelaçamento entre as cidades e as histórias das pessoas que as habitam, o que nos parece justificar sua inclusão por completo:

Não é apenas para comprar e vender que se vem a Eufêmia, mas também porque à noite, ao redor das fogueiras em torno do mercado, sentados em sacos ou em barris ou deitados em montes de tapetes, para cada palavra que se diz – como “lobo”, “irmã”, “tesouro escondido”, “batalha”, “sarna”, “amantes” – os outros contam uma história de lobos, de irmãs, de tesouros, de sarna, de amantes, de batalhas. E sabem que na longa viagem de retorno, quando, para permanecerem acordados cambaleando no camelo ou no junco, puseram-se a pensar nas próprias recordações, o lobo terá se transformado num outro lobo, a irmã numa irmã diferente, a batalha em outras batalhas, ao retornar de Eufêmia, a cidade em que se troca de memória em todos os solstícios e equinócios (pp. 38-39).

Como os mercadores que em Eufêmia transitam, fazem trocas e desejam ouvir histórias, após o período inicial de reuniões de construção da proposta e estudos teóricos deslocamo-nos em uma tarde para a Praça Tamandaré, no centro de Rio Grande, munidos de cadeiras de praia e material para a construção de uma faixa informativa. Alguns de nós, especialmente os autores deste artigo, tínhamos também papel e caneta para as anotações de campo. A data e o local escolhido coincidiram

com a realização de um evento que teve como objetivo a realização de manifestações de diversos movimentos sociais contra um expressivo corte de verbas para a educação pública no país. Na escadaria do principal chafariz, colocamos a faixa com o texto “Coletivo Escuta na Rua”.

Assim que nos instalamos, um menino, abraçado ao seu skate, aproximou-se do grupo e perguntou: “Como vocês chegaram aqui? Vieram todos juntos, de ônibus? Como se encontraram?”. Suas perguntas foram respondidas por diferentes membros do grupo: “Eu vim de carro”; “Eu peguei um ônibus”, “Eu vim de carona com meu colega”, “A gente combinou de se encontrar aqui no chafariz”. Aparentemente satisfeito com as respostas, o menino seguiu o seu caminho. Alguns minutos depois, um senhor de vestes surradas e fala tranquila, que contou ser um morador de rua, inaugurou a primeira escuta individual de um dos autores deste trabalho, dizendo: “Meu nome é indígena, significa Deus do Sol, mas eu não gosto muito do sol porque ele me deixa mais preto, prefiro a lua, eu sou da noite...”. Em sua fala, que durou cerca de uma hora e meia, abordou, entre outras questões, sua relação com uma bebida alcoólica, a “cachacinha” que carregava consigo.

A partir do segundo dia, passamos a nos reunir todas as terças-feiras, das 11:30 às 13:30, na Praça Xavier Ferreira. A troca de local e de horário se deu pela constatação de que a proximidade dessa praça com o Mercado Público e o Cais do Porto Velho possibilitaria a um número maior de pessoas acessarem a ação, considerando o grande fluxo de pessoas se deslocando em chegadas e partidas de balsa, bem como o uso do espaço da praça como local de descanso no horário do almoço. Acerca deste dia, destacamos outra escuta, sobre a qual teceremos algumas considerações um pouco mais adiante. Trata-se de um rapaz negro que viveu muito tempo na rua, e que compartilhou por alguns minutos uma história de sofrimento sobre a vida nas ruas e o uso de substâncias psicoativas. Um pouco antes de partir, cutucou as costas do estudante que o ouvia, autor deste estudo, dizendo: “Quero fazer uma pergunta para o psicólogo: qual o mecanismo pra tirar a dor?”. A resposta que recebeu, sem maiores delongas, foi: “A escuta”.

As duas primeiras reuniões de supervisão ocorridas após o estabelecimento do coletivo na praça foram marcadas pelo compartilhamento das primeiras impressões acerca da ação. Inicialmente, o grupo conversou sobre as perguntas do menino do skate, que foram direcionadas a todos

os membros. Consideramos, nesta conversa, que apesar de termos nos instrumentalizado nas reuniões preparatórias com estudos teóricos acerca das singularidades da escuta na rua, havíamos adentrado o espaço da praça com as referências dos *settings* tradicionais que conhecíamos por conta de nossas experiências anteriores de escuta. Associado a isso, avaliamos a partir dos relatos que, ainda que a composição de nosso grupo se caracterizasse por reunir pessoas com diferentes jornadas clínicas, as experiências anteriores de cada um foram igualmente descritas como diferentes das que estavam ocorrendo na praça, mesmo aquelas realizadas em instituições públicas. Como exemplo, podemos citar as frases mencionadas pelos membros do coletivo: “Os sons da rua são diferentes... as buzinas, os passos, até o bater de asas de um pássaro parecem fazer parte da história contada, se mistura a ela, e isso é muito novo”; “Ela estava me falando de si, e aí passou um senhor vendendo balas e a partir dessa interrupção ela passou a falar sobre seu próprio sustento”; “É claro que entre quatro paredes as narrativas também vão acontecendo a partir de associações, de registros de memória, da transferência, mas ali, na rua, tem algo que parece colocar tudo num ritmo diferente da escuta tradicional, tudo parece mais intenso”; “No CAP¹ é como se a transferência fosse mais claramente direcionada pra gente, pra pessoa que está ali sozinha escutando. Na praça, às vezes parece que é com todo o grupo, com a proposta”.

Somado a isso, a escuta do rapaz que perguntara sobre qual seria o mecanismo para “tirar a dor” foi um dos temas abordados. O estudante que realizou a escuta, naquele momento “nomeado” pela pessoa escutada como “psicólogo”, considerou que teria respondido de forma muito rápida à pergunta, e que, ao refletir sobre isso, compreendia que a resposta “a escuta” em alguma medida apontava para o seu próprio desejo de se assegurar que, como cidadão, estudante de psicologia ou “psicólogo”, estaria fazendo algo importante ao oferecer a sua escuta. Por outro lado, considerou também que a reação do rapaz à sua resposta, “um largo sorriso”, poderia indicar o estabelecimento de uma conexão importante entre os dois, e que algum movimento emocional poderia ter acontecido naquele momento, a despeito de sua brevidade.

O relato proporcionou à equipe um diálogo acerca do desejo de estar colocado na posição de quem escuta e os desafios implicados

com esta posição. Com o objetivo de acrescentar à questão debatida uma sustentação teórica, um dos supervisores apontou que, ainda que atribuída inicialmente ao desejo de reconhecimento social pelo trabalho desenvolvido, a “rápida resposta” do estudante poderia ser pensada também no âmbito do fenômeno da transferência. Com isso, aventou junto ao grupo a possibilidade de a resposta do estudante estar associada a uma demanda transferencial do rapaz de ser ajudado a partir da escuta. No Seminário XI de Lacan (1964/1996), intitulado *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, o autor perguntou: “Então, de que é que se trata nessa confiança depositada no analista?” (p. 228). Para Lacan, a experiência analítica testemunha que não desejar e desejar constituem uma mesma coisa, e que é neste ponto de encontro que o analista é esperado. Conforme suas palavras,

Enquanto o analista é suposto saber, ele é suposto saber também partir ao encontro do desejo inconsciente.... o desejo é o eixo, o pivô, o cabo, o martelo, graças ao qual se aplica o elemento-força, a inércia, que há por trás do que se formula primeiro, no discurso do paciente, como demanda, isto é, a transferência. O eixo, o ponto comum desse duplo machado, é o desejo do analista, que eu designo aqui como função essencial (p. 229).

Neste ponto de nossa apresentação, parece-nos, de fato, fundamental a abordagem do fenômeno da transferência, um termo progressivamente introduzido por Freud e Ferenczi para caracterizar um processo do tratamento psicanalítico no qual os desejos inconscientes do analisando para os objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos (Roudinesco & Plon, 1998). Conforme analisa Baratto (2010), o termo transferência é inicialmente empregado para designar os movimentos implicados nos processos inconscientes do desejo, não surgindo originariamente ligado ao tratamento psicanalítico. Nesse sentido, designa o fato de que as representações dos desejos infantis se deslocam para representantes substitutivos do inconsciente. Lacan, em *O seminário, livro 8: A transferência* (1960-61/1992), utiliza-se de *O Banquete*, de Platão, para demonstrar a mola do amor que é a transferência no paradoxo da relação analítica. Posteriormente, em

O seminário, livro 11: Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise (Lacan, 1964/1996), mencionado anteriormente, associa a transferência à noção de sujeito suposto saber: o desejo do sujeito estaria na figura que teria o saber. No caso da relação analítica, na figura do analista, a relação que se estabeleceria seria a do amor, de querer ser amado.

Em relação à transferência em um *setting* de escuta psicanalítica na rua, Marino e Coaracy Neto (2019), ao abordarem à experiência do coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt, consideraram que ela poderia ser dirigida a um analista específico ou ao grupo de psicanalistas que se encontrava no local, já que o dispositivo contemplava a possibilidade de uma pessoa ser atendida por diferentes psicanalistas. Quando o sujeito retornava ao atendimento, caso não manifestasse a vontade ou um desejo de ser atendido pelo mesmo psicanalista, poderia ser atendido por outro. Contudo, segundo os autores, o coletivo também se encontrava atento no sentido de observar se esta rotatividade poderia ser considerada imprudente para um determinado tratamento.

No que se refere à experiência do Coletivo Escuta na Rua, além da transferência dirigida a um membro do grupo que estivesse se ocupando de uma escuta individual ou da transferência dirigida a todo o grupo, observamos o que, em supervisão, escolhemos denominar “movimento transferencial”. A escolha da palavra “movimento” dizia da identificação, ainda que incipiente, de demandas que eram comunicadas pelos sujeitos no momento em que, ao avistarem o quadro informativo, se viam convocados à proposta do dispositivo. Como exemplo, podemos citar, inicialmente, a fala de uma senhora que parou diante do quadro e, olhando apenas para ele, comunicou: “Preciso vir aqui um dia. Hoje não”. Em outro momento, uma mulher que atravessava a praça também parou diante do objeto. A seguir, olhou para uma das mulheres que compunha o coletivo, autora deste trabalho, e o seguinte diálogo transcorreu:

- É muito interessante esse projeto! Da psicologia, né? Tu é professora ou aluna de lá?
- Eu sou professora.
- Eu também sou professora. É muito importante isso que vocês estão fazendo, principalmente para os adolescentes. Eles precisam muito. Vou dizer pros meus alunos virem. Tem tido muitos casos de suicídio. Eles

chamam a gente pra conversar como se a gente fosse família porque na gente eles confiam. E a gente tem que ouvir. É muito pesado. É muito pesado ouvir. Imagino que seja muito pesado para ti também ouvir as pessoas. Tu não ficas cansada de ouvir tanto sofrimento?

A escuta da professora aconteceu neste único dia, tendo a duração de cerca de quarenta minutos, nos quais ela pode compartilhar uma série de questões sobre a sobrecarga emocional que vinha sentindo. Além dessas duas mulheres, um menino vendedor de poemas, uma senhora e seu cachorrinho, um vendedor de bergamotas, entre outros, passaram e permaneceram por um breve período, contando suas histórias e criando, em nós, laços profundos.

Somando-se a estes relatos, cabe destacar que em um dos primeiros dias de escuta o grupo recebeu (no local e em mídias virtuais) inúmeros comentários sobre a ação, os quais traziam conteúdos relacionados “à importância” do projeto e sobre como seríamos “bons” no sentido de termos uma postura solidária e estarmos realizando uma boa ação. Nas rodas de supervisão, conversamos profundamente sobre a necessidade de estarmos atentos às armadilhas do nosso desejo de reconhecimento. Por um momento, os comentários trouxeram ao grupo a ideia de que nas semanas seguintes o projeto seria muito procurado, o que não ocorreu. Compreendemos, naquele cenário, que ainda que fosse possível pensar neste movimento transferencial em relação à proposta, uma vez que éramos situados dentro de uma demanda coletiva de escuta pelos transeuntes da cidade, a chegada a uma posição de ser escutado de forma contínua implicaria em percursos com tempos distintos para cada indivíduo.

Outro movimento transferencial foi pensado em relação à escuta de algumas pessoas que se dirigiram ao coletivo de forma contínua, estabelecendo um vínculo que remetia a um sentimento de pertencimento, mesmo que não “sentando” diante de um de nós para uma escuta mais tradicionalmente definida como tal. No primeiro dia da ação, na Praça Tamandaré, um homem com cerca de 40 anos, que vendia chicletes, conversou um pouco sobre si, e logo se foi. Na semana seguinte, quando estávamos na Praça Xavier Ferreira, “deu mais uma paradinha”, como dissemos em supervisão. Sua visita se tornou frequente nos dias de escuta, quando faltava cerca de dez minutos para o encerramento. As conversas

semanais de dez minutos permitiram a ele narrar, geralmente para todo o grupo, alguns sentimentos sobre a rua, a família e os amigos. Certo dia, olhou para o nosso quadro informativo e disse: “Está firme, hein!”, com ar de admiração. Nesse dia, falou mais demoradamente acerca de sua vida, destacando que estava bem, mas que sentia por seus amigos que estavam morrendo por drogas e outras circunstâncias de vida que os punha vulneráveis. Essa foi a última vez que o vimos, pois ele faleceu em decorrência de um enfarto, o que sensibilizou a todos. Soubemos que era uma pessoa querida e conhecida em toda a cidade.

Um aspecto importante do percurso do Coletivo Escuta na Rua, também relacionado ao quadro informativo da proposta, remeteu-nos a um fragmento de *As Cidades Invisíveis* (Calvino, 1990). No trecho, o autor explora o fato de que diante de cada notícia dada por Polo a respeito de um lugar, o imperador via sua mente ser invadida pelo primeiro objeto com o qual este fora apresentado por Marco, tentando imaginar um emblema que caracterizasse a cidade: “(...) Quando conhecer todos os emblemas – perguntou a Marco –, conseguirei possuir o meu império, finalmente? E o veneziano: – Não creio: nesse dia, Vossa Alteza será um emblema entre os emblemas” (p. 26).

O quadro informativo, nosso “emblema”, apresentava, inicialmente, apenas os dizeres “Escuta na Rua – Informações aqui”. Algum tempo depois, o quadro trouxe a informação de que o serviço prestado era o de “atendimento gratuito”, seguido da informação “Curso de Psicologia – FURG”. A escolha pelo termo “atendimento gratuito”, vinculado ao Curso de Psicologia, no lugar de “escuta psicanalítica” foi tomada em vista da consideração de que, ainda que a abordagem do trabalho fosse pautada nas teorias e técnicas psicanalíticas, os membros do coletivo, em sua maioria, caracterizavam-se como estudantes de graduação em Psicologia executando suas primeiras escutas a partir desses pressupostos, porém não possuindo, ainda, um percurso de formação que possibilitasse a nomeação de psicanalistas perante à comunidade. A despeito dessa ponderação, a mudança de texto do termo “escuta” para o termo “atendimento” refletiu a consideração de que seria necessário comunicar à população o tipo de trabalho oferecido, uma vez que apenas a expressão “escuta” talvez não remetesse tão diretamente à possibilidade de realização

de atendimento clínico (considerando-se a “estranheza” de poder realizá-lo fora de um consultório). Assumir a expressão “atendimento” também possibilitou ao grupo uma reflexão sobre diferentes demandas que poderiam surgir e sobre a importância da construção de uma rede com os demais dispositivos de atenção à saúde para encaminhamentos quando necessário. A mudança trouxe uma busca diferente: algumas pessoas passaram a sentar-se diante de nós com o objetivo de encontrar um espaço continuado de escuta, inaugurando um novo movimento na caminhada do coletivo.

Ao longo do período descrito, entre os meses de abril e dezembro de 2019, foram realizadas cerca de 80 escutas, algumas em grupo e outras na modalidade individual. O público atendido representava diferentes grupos em termos de situação econômica e social, sobretudo pessoas em situação de vulnerabilidade. As escutas ocorreram com tempos variados, caracterizando-se em algumas situações por sua brevidade e, em outras, pela longa duração. Em ambos os casos, chamou à atenção a forma direta como se dava desde o primeiro instante a comunicação do sofrimento, como mostram as vinhetas: “Eu preciso falar sobre meu filho adolescente e as drogas”; “O que quero falar é bem direto: meu familiar faleceu e estou muito triste”; “Desde que sofri um acidente tenho sentido ansiedade, preciso de ajuda”; “O meu problema é a bebida, tá bem difícil”; “Eu preciso falar com uma mulher sobre um problema feminino”; “É tanta dor aqui dentro, tanto silêncio, tanta gente na rua e aqui dentro esse silêncio”.

Se, de um lado, alguns relatos foram bastante pontuais, a busca de ajuda, de outro, não implicou em desejar respostas diretas. Pelo contrário, muitas pessoas que foram ouvidas relataram sentir imenso alívio pelo fato de serem escutadas e, sobretudo, ouvirem a si mesmas em meio à correria dos dias e da cidade, sem necessariamente evidenciar a demanda de soluções imediatas.

Parece-nos importante destacar que as escutas foram suspensas entre os anos de 2020 e 2021, por conta da pandemia de COVID-19. No ano de 2022, entre os meses de outubro e dezembro, o Coletivo Escuta na Rua retomou as atividades, realizando cerca de 50 escutas. Ocorre-nos, ao final deste relato, um singelo pensamento: sem a cidade, sem a praça e suas personagens, o Coletivo Escuta na Rua não existiria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- “Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
– Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? — pergunta Kublai Khan.
– A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra — responde Marco
—, mas pela curva do arco que estas formam.
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:
– Por que falar em pedras? Só o arco me interessa.
Polo responde:
– Sem pedras, o arco não existe.”
Italo Calvino

O presente artigo teve como objetivo relatar a experiência do Coletivo Escuta na Rua – uma ação de extensão da Universidade Federal do Rio Grande em funcionamento desde 2019. Partindo, inicialmente, de uma reflexão acerca da questão do desamparo na contemporaneidade, sobretudo nos centros urbanos brasileiros, apresentamos um relato sobre a experiência de implementação de nossa ação. Com o intuito de interseccionar literatura e psicanálise, utilizamo-nos, em nossa exposição, de alguns fragmentos da obra *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino. Ao finalizar, parece-nos essencial considerar que fomos movidos pelo desejo de construir um dispositivo de escuta na cidade de Rio Grande que, inspirado no trabalho desenvolvido por coletivos formados por psicanalistas a partir da segunda metade dos anos 2010, pudesse se somar às iniciativas de democratização da escuta psicanalítica em território brasileiro. Entre cadeiras de praia, bancos de praça, burburinhos de passos apressados e revoadas de pássaros, dispusemo-nos a contribuir com a construção de ferramentas que possam operar na contramão da invisibilidade e da desumanização a que são sujeitadas diariamente inúmeras existências, proporcionando aos indivíduos a apropriação de espaços coletivos nos quais à palavra e ao silêncio compartilhado são dados lugar, tempo e importância.

Perguntamo-nos se poderíamos propor uma resposta à questão que nos colocamos quando o desejo de escutar a rua se desenhou entre nós. À pergunta sobre a possibilidade da construção de um coletivo de escuta

na rua, com abordagem psicanalítica, no contexto da graduação em psicologia, nossa resposta é: sim, é um caminho possível. Consideramos que as praças, lugares tão imprevisíveis como poéticos, compõem um *setting* muito potente para a realização das primeiras escutas psicanalíticas pelos estudantes de psicologia, o qual apresenta particularidades em relação ao espaço da clínica-escola em que é realizado comumente o estágio de Psicologia Clínica, sobretudo no que se refere à ampliação do acesso da comunidade, que na praça não se apresenta restrito aos encaminhamentos institucionais. Somado a isso, entendemos que a universidade tem a responsabilidade de contribuir com a formação de profissionais implicados com a comunidade, afirmando, dessa forma, para além das competências teóricas e técnicas, um compromisso ético-político. Ainda que um longo caminho de formação se coloque entre as primeiras experiências de escuta na abordagem psicanalítica em nível de graduação e as escutas realizadas por psicanalistas experientes, entendemos que, como apontado em um dos trabalhos revisados, a entrada na formação psicanalítica pode se dar a partir destas experiências iniciais.

No que se refere às interações entre o coletivo e a cidade, entendemos que diferentes perspectivas de análise apontaram para movimentos que ultrapassam a relação dual tradicionalmente observada na clínica tradicional. O fluxo de olhares curiosos, fotos e palavras de incentivo em relação à iniciativa foi constante, evidenciando que algo novo e estranho à rotina da praça estava acontecendo, gerando ampla divulgação em mídias locais. Por outro lado, diversas pessoas, ao passarem pelo grupo, disseram: “Preciso voltar aqui, mas noutro dia”; “Ainda não estou pronto para falar, mas um dia virei”. Considerou-se que o estabelecimento de uma relação do projeto com a cidade apontou não apenas para o desejo dos membros do coletivo, mas também para um tempo de reconhecimento do desejo ou não de escuta por parte da comunidade.

Por fim, torna-se interessante destacar que diversos grupos e instituições fizeram contato com o coletivo no sentido de que prestasse a escuta em outros locais, fora da rua, da praça, como, por exemplo, escolas. Tal demanda, que escapa à proposta do grupo, permitiu uma reflexão sobre uma necessidade de atenção psicossocial que talvez não seja adequadamente abarcada pelas políticas públicas vigentes.

Ao finalizar o relato desta experiência, destacamos um trecho de *As Cidades Invisíveis* (Calvino, 1990), em que Polo relata:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (p. 200)

Seguimos, tentando manter abertos os espaços. No caminho, uma pergunta parece recorrente a todos nós: *Qual o mecanismo para tirar a dor?* Não sabemos. Talvez não venhamos a descobrir, mas este lugar de falta nos possibilita seguir em frente. Enquanto isso, oferecemos a nossa escuta.

REFERÊNCIAS

- Ab'Saber, T. (2021). A clínica aberta e o analista grupo: suas transferências e o comum. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 24(4), 501-511. Recuperado em 10 de junho de 2025, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n4p501.1>
- Ab'Saber, T., & Zaiden, A. (2019). Clínica aberta de psicanálise: política imanente da clínica. In Broide E. E. & Katz I. (Orgs.), *Psicanálise nos Espaços Públicos* (pp. 108-117). São Paulo: IP/USP.
- Baratto, G. (2010). Genealogia do conceito de transferência na obra de Freud. *Estilos da Clínica*, 15(1), 228-247. Recuperado em 12 de abril de 2023, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000100015&lng=pt&tlng=pt
- Broide, J. (1992). A psicoterapia psicanalítica na rua realizada através de grupo operativo: a rua enquanto instituição das populações marginalizadas. *Psicologia: ciência e profissão*, 12(2), 24-33. Recuperado em 20 de janeiro de 2023, de: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hm8MvGtDJrXwYKcJHQN55NQ/?lang=pt#>
- Calvino, I. (1990). *As cidades invisíveis* (D. Mainardi, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1996a). Projeto para uma psicologia científica. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol.1). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1996b). Tratamento psíquico (ou anímico) In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 7). Rio Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1996c). O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21). Rio Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1927).
- Freud, S. (2010). Caminhos da terapia psicanalítica. In Freud, S. *Obras completas: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919).

- Freud, S. (2010). Prefácios e textos breves. In Freud, S. *Obras completas: O eu e o id, "Autobiografia" e outros textos* (1923-1925). (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In Freud, S. *Obras completas: Psicologia das Massas e análise do eu e outros textos* (1920-1923). (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1921).
- Freud, S. (2012). O interesse da psicanálise. In Freud, S. *Obras completas: Totem e Tabi, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (1912-1914). (Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913).
- Guimarães, T., & Jardim, R. M. M. (2019). Apontamentos sobre o horizonte crítico do Psicanálise na Rua. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 12, 315-339. Recuperado em 10 de junho de 2025, de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6992215>
- Kessler, C. H., & Silva, T. P. D. (2021). Psicanálise, Clínica e Universidade: Impasses e Possibilidades. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, 1-9. Recuperado em 10 de junho de 2025, de: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37415>
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 8: a transferência* (D. D. Estrada, trad., R. R. Barros, rev.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1960-1961).
- Lacan, J. (1996). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, trad.) (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Luz, T. F. (2011). *Espaços públicos no cenário urbano rio-grandino: um estudo de caso no papel social das praças na cidade do Rio Grande*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. Recuperado em 21 de dezembro de 2022, de: <https://repositorio.furg.br/handle/1/2262>
- Macedo, M. M. K., & de Barros Falcão, C. N. (2005). A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Psychê*, 9(15), 65-76.
- Marino, A. S.; Coaracy, A. R.; & Oliveira, T. Uma experiência de clínica aberta de psicanálise. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, 5, p. 4, 2018. Recuperado em 22 de março de 2022, de: <https://revistalacuna.com/2018/06/04/n05-04/>

- Marino, A. S., & Coaracy Neto, A. R. (2019). Psicanálise na Praça Roosevelt: uma experiência clínico-política em um espaço público. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 12, 352-367. Recuperado em 21 de dezembro de 2022, de: <https://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/289>
- Oliveira, A. A. A., Resstel, C. C. F. P., & Justo, J. S. (2014). Desamparo psíquico na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 13(1), 21-32.
- Palombini, A. L. (2007). *Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica*. Tese de Doutorado, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Recuperado em 17 de outubro de 2022, de: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10191>
- Pinheiro, D. J. F., & Silva, M. A. (2004). A cidade e seus símbolos. In D. J. F. Pinheiro & M. A. Silva, *Visões imaginárias da cidade da Bahia: um diálogo entre geografia e a literatura* (pp. 21-29). Salvador, BA: EDUFBA/Mestrado em Geografia. Recuperado em 18 de outubro de 2022, de: <https://books.scielo.org/id/myv39>
- Pinto, T. (2019). Os pés descalços. Um relato sobre a experiência Psicanálise na Rua. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 12, 368-385. Recuperado em 10 de abril de 2021, de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6992234>
- Pokorski, L. A. F. (2019). A psicanálise e a dimensão política. *Estudos de Psicanálise*, 52, 103-109. Recuperado em 10 de junho de 2025, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000200012&lng=pt&tlng=pt.
- Raupp, E. (2018, 8 de dezembro). Grupo democratiza psicanálise com sessões gratuitas na Praça da Alfândega. *Correio do Povo*. Recuperado em 12 de março de 2019, de: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/grupo-democratiza-psican%C3%A1lise-com-sess%C3%B5es-gratuitas-na-pra%C3%A7a-da-alf%C3%A2ndega-1.274566>
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). Transferência. In E. Roudinesco & M. Plon, *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro, & L. Magalhães, trads.) (pp. 766-770). Rio Janeiro: Jorge Zahar.

- Sei, M. B., & Franco, R. D. S. (2017). Supervisão grupal de estágio em psicologia clínica: Revisão da literatura. *Psicologia Ensino & Formação*, 8(2), 75-84. Recuperado em 29 de maio de 2025, de: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2177-20612017000200009&script=sci_arttext
- Silva Junior, M. C. da, & Mello Neto, G. A. R. (2022). Do caos ao mito. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42, 1-15. Recuperado em 10 de junho de 2025, de: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003230891>
- Silveira, M. B. A. (2014). *Ditadura civil militar na região sul gaúcha: militâncias e rotas de exílio*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Recuperado em 15 de julho de 2022, de: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3388>
- Torres, L. H. (2008). A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra. *Biblos*, 22(1), 101-117. Recuperado em 18 de outubro de 2022, de: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/859>

NOTAS

- ¹ O presente relato de experiência é parte do Trabalho de Conclusão de Curso do primeiro autor, sob orientação da segunda autora.
- ² Centro de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande

Recebido em: 13/04/2023

Revisado em: 18/06/2025

Aceito em: 01/11/2025